

**AS MULHERES NO CENÁRIO DO ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO  
EM PORTO ALEGRE/RS NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA  
O XX: ALTERNATIVAS DE SOCIABILIDADE E LAZER PARA  
ELAS**

**Recebido em:** 17/03/2010

**Aceito em:** 16/08/2010

*Janice Zarpellon Mazo<sup>1</sup>*  
*Carolina Fernandes da Silva<sup>2</sup>*  
*Vanessa Bellani Lyra<sup>3</sup>*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre – RS – Brasil

**RESUMO:** Tecendo significativas atuações na capital rio-grandense, as mulheres produziram diversas representações femininas nas práticas esportivas. Por ser o esporte um universo originalmente masculino, reproduz de forma adequada as tensões, lutas e reivindicações femininas para integrarem de forma igualitária os papéis sociais definidos entre homens e mulheres no espaço social. Este estudo mostra o trajeto percorrido pelas mulheres no cenário esportivo de Porto Alegre, onde oscilaram de espectadoras a protagonistas. Tendo como objetivo identificar os diferentes modos assumidos pelas mulheres na construção do associativismo esportivo porto-alegrense no fim do século XIX ao início do século XX. Os procedimentos metodológicos adotados foram a pesquisa bibliográfica e a coleta de informações em fontes históricas, como o Catálogo da Revista do Globo e o Atlas do Esporte no Brasil e o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Esportes. Mulheres.

**WOMEN IN PORTO ALEGRE/RS'S SPORTIVE ASSOCIATIONS SCENERY  
IN THE TRANSITION OF THE XIX<sup>th</sup> TO THE XX<sup>th</sup> CENTURY:  
SOCIABILITY AND LEISURE ALTERNATIVES FOR THEM**

<sup>1</sup> Professora Doutora do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) da ESEF/UFRGS.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. Bolsista CAPES. Membro do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) da ESEF/UFRGS.

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. Bolsista CAPES. Membro do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) da ESEF/UFRGS.

**ABSTRACT:** Building expressive actuations in the Rio Grande do Sul's capital, women have produced lots of feminine representations in sportive practices. Since sport constitutes an originally masculine universe, it reproduces suitably the tensions, conflicts and feminine claiming to integrate equally the social roles defined between men and women in the social space. This study shows the course passed through by the women in Porto Alegre's sportive scenery, where they have oscillated from spectators to protagonists. The aim was to identify the different modes assumed by the women in the construction of Porto Alegre's sportive associations in the end of the XIX<sup>th</sup> century to the beginning of the XX<sup>th</sup> century. The methodological proceedings adopted were a bibliographic research and the information collection in historical sources, like the Revista do Globo's Catalogue and the Brazil's Sportive Atlas and the Sportive Atlas in Rio Grande do Sul.

**KEYWORDS:** History. Sports. Women.

## 1 INTRODUÇÃO

O papel da mulher no cenário esportivo na cidade de Porto Alegre sofreu significativas modificações no período compreendido entre o fim do século XIX e meados do século XX. Este período foi marcado pelo início de diversas práticas esportivas em clubes da cidade, propiciando uma nova forma de sociabilização para os porto-alegrenses e, ao mesmo tempo, oportunizando práticas de lazer para as mulheres. Segundo Krippendorf (2003), a palavra lazer provém do verbo francês *loisir* e dá origem à expressão inglesa *leisure*, que assume igual sentido semântico. Esta, por sua vez, tem origem na forma infinitiva *licere*, que significa “permitido”. Nesse sentido, permissão e lazer são termos que expressam a ambiguidade dos significados atribuídos aos espaços esportivos ocupados pelas mulheres, na Porto Alegre de outrora. Assim, longe dos seus lares e das suas responsabilidades com as funções domésticas, novas formas de divertimento foram a elas permitidas ainda que, para tal, se mostrasse indispensável a companhia balizadora de seus maridos, filhos ou demais familiares.

Dividindo o palco esportivo com as representações masculinas, então hegemônicas, a presença feminina em tal espaço presenteou o esporte porto-alegrense com um novo espetáculo no qual se pontua a emergência de novas e diversificadas representações culturais, surgidas a partir da idéia da mulher no esporte. Importa

destacar que estas novas representações possibilitaram, por sua vez, a constituição de novas formas, novas curvas e novos traçados que passaram a delinear o cenário esportivo de Porto Alegre.

De outro modo, é imprescindível a lembrança de que uma espécie de “história oficial dos esportes” tratou de narrar as diversas trajetórias que compunham o cenário das práticas esportivas, a partir de uma perspectiva cunhada sob princípios masculinos. Este estudo, no entanto, pretende se distanciar de tal “tradição”, na medida em que vê a História como um dos muitos discursos que existem acerca do mundo e da humanidade, cujas narrativas tanto podem fazer lembrar o que deve ser lembrado quanto tornar invisível o que se deseja esquecer.

A relação entre feminino e masculino, de acordo com Souza e Altmann (1999) é entendido como algo que integra a identidade do sujeito, que faz parte da pessoa e a constitui, ou seja, é aquilo entendido como “a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres” (p. 53). Nessa direção, o conceito de gênero envolve noções sobre *o que e quem* é considerado feminino e/ou masculino, através da produção de identidades, as quais, de acordo com Cuche (1999), permitem que o indivíduo se localize em um sistema social e, ao mesmo tempo, seja por este localizado. Tal produção de identidades, por sua vez, se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por essa razão, guiam suas representações e suas escolhas.

Nesse contexto, é possível pensarmos que as práticas esportivas constituíram um importante elemento para a emancipação da mulher na sociedade Porto-Alegrense. Por este motivo, se por um lado estudar o esporte significa adentrar as mazelas de um universo originalmente masculino; por outro, significa a possibilidade de tornar inteligíveis as tensões, lutas e reivindicações femininas para a sua participação neste

contexto. Sendo assim, identificar como ocorreu a inserção e os diversos papéis assumidos pelas mulheres no esporte porto-alegrense nos permite analisar a relação que estas estabeleceram na construção do cenário esportivo e social da cidade, no período compreendido do fim do século XIX e início do século XX. Se inicialmente coadjuvantes no espetáculo esportivo, como por exemplo, na assistência dos espetáculos do turfe e madrinhas dos barcos de remo nas regatas; no início do século XX, as mulheres começaram a alargar suas fronteiras de identidade em relação aos homens, tendo no esporte um dos meios para produzir novos reconhecimentos. Tanto que cabe salientarmos, como o faremos posteriormente com mais demora, que as mulheres Porto-Alegrenses, em alguns esportes, inicialmente já dividiam protagonismo com os homens, como por exemplo, no bolão, no atletismo, no automobilismo e no golfe.

O objetivo deste estudo é identificar os diferentes papéis assumidos pelas mulheres na construção do cenário esportivo porto-alegrense na transição do século XIX para o século XX. Tal objetivo pretende-se contemplado por meio da pesquisa documental em fontes históricas como, dentre outras, o catálogo da Revista do Globo, obras comemorativas de clubes, o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, o Atlas do Esporte no Brasil e o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul. Tal forma de fazer pesquisa caracteriza-se pela submissão desse conjunto de fontes à análise documental.

## **2 AS MULHERES PRESTIGIAM O TURFE E AS REGATAS**

Sendo a identidade feminina sustentada por valores como submissão, delicadeza no trato, pureza, capacidade de doação, prática de prendas domésticas e habilidades manuais, a mulher, até meados do século XX, interpretava papéis específicos na sociedade: o de mãe, dedicada exclusivamente aos filhos; o de esposa, conivente ao marido; o de filha, submissa ao pai. Assim, suas posições sociais as remetiam a um

papel secundário ao dos homens, ficando muitas vezes, relegadas à sombra da imagem masculina. Nesse mesmo caminho, seguiu a sua participação na construção da história geral, como na dos esportes. Através dos tempos, o cenário esportivo se diferencia conforme a prática esportiva, proporcionando, assim, uma distinção do papel das mulheres em cada esporte da época.

No que tange ao cenário esportivo do Turfe, prática que emergiu em Porto Alegre em meados do século XIX, as funções femininas e masculinas são capazes de reproduzir e caracterizar a realidade dos papéis sociais no período, através dos quais, homens e mulheres diferenciavam suas localizações na sociedade. As mulheres estavam sim, presentes nos hipódromos; porém eram pouco visíveis (MAZO, PEREIRA e MADURO, 2009).

Tal cenário esportivo proporcionava um espetáculo à parte em Porto Alegre: os prados eram locais de sociabilidade, de ver e ser visto, onde as famílias firmavam sua representação social, na segunda metade do século XIX. Segundo Melo (2007), no século XIX o turfe consolidou-se como uma alternativa de diversão, pois era popular, atraía diferentes estratos sociais e estava ligado à busca de elementos de *status* e distinção. Nesse sentido, é possível afirmarmos que em Porto Alegre, a identidade do turfe está estritamente relacionada à elite luso-brasileira porto-alegrense.

A cidade possuía quatro prados em funcionamento até o final do século XIX, fato que rendeu a Porto Alegre o título de centro das atividades turfísticas do Estado do Rio Grande do Sul. Nesta época, o turfe associava-se a uma aristocracia de origem rural, de importantes famílias possuidoras de chácaras, que foram ocupando espaços na cidade (REVISTA BAIRO MOINHOS, 2005). Esta prática, na sociedade brasileira, representava o patriarcalismo rural, estando intimamente relacionado com a aristocracia de origem rural, e associava-se com a figura do senhor barão – *sportman* – o chefe de

família, o qual era capaz de distinguir-se de tudo e de todos (LUCENA, 2001). Uma vez que os prados eram considerados ambientes aristocráticos e familiares, as mulheres se faziam presentes acompanhando seus pais ou maridos. Rodrigues (2006) acrescenta que as arquibancadas constituíam um lugar elegante dos prados.

Nos prados, homens e mulheres possuíam papéis muito distintos. Os homens possuíam o papel principal e, como protagonistas, representavam o poder patriarcal tendo a “autoridade do senhor sobre seus dependentes (mulheres, filhos e escravos) em um conjunto de relações que pressupunha rígida hierarquia entre comandantes e comandados, mas também uma série de obrigações recíprocas entre eles” (MARQUESE, 2004, p. 41). As mulheres, por sua vez, atuavam como coadjuvantes no espetáculo e participavam da cena ligada direta ou indiretamente aos protagonistas. Assim, relegadas a um segundo plano, seus papéis femininos eram tão secundários quanto determinantes para fluidez do turfe: as mulheres emprestavam ao esporte o *glamour* de ser um fenômeno de socialização entre famílias, selando a ligação do espetáculo do turfe com a elite luso-brasileira.

Dessa forma, os hipódromos assumiam a representação de uma espécie de palco social, onde indivíduos de diversas posições sociais atuavam e, assim, afirmavam seu espaço na sociedade. Tanto era verdade que estes recebiam em suas arquibancadas figuras ilustres, como em 1885, ocasião em que “a princesa Isabel compareceu às corridas e anotou as emoções da tarde em seu diário” (JÁ EDITORES, 1997, p. 103). Essas emoções registradas pela princesa retratam como “elas” viam o turfe, não apenas como vitrine, mas como uma maneira de modificar a sua rotina através da vivência de emoções mais fortes obtidas através da competitividade entre os jóqueis e as altas apostas que estas acarretavam.

O turfe se configurou como uma das práticas que possibilitou o começo da inserção da mulher na vida social porto-alegrense, incentivada pelas inovações trazidas da Europa. A partir de meados do século XIX, a presença feminina nos prados restringia-se às arquibancadas, desfilando seus belos vestidos e penteados da moda em vigor. Nesse período, até início do século XX, o que se compreendia como a natureza da mulher era frequentemente identificada como algo frágil, defendendo a idéia de que o papel da mulher no contexto das práticas esportivas corresponderia, predominantemente, à assistência e mostravam-se interessadas pelos prognósticos para as corridas (ROZANO e FONSECA, 2005).

Segundo Pereira (2008), sendo os prados utilizados como ambiente de socialização, serviram ao propósito da apresentação das filhas dos patriarcas moradores dos sobrados à “alta sociedade”. Assim, os prados serviam de palco para o desabrochar de histórias românticas que se desenrolaram no cenário do turfe, nas quais era permitido às mulheres uma pequena mobilidade em suas posições sociais: mudavam de papéis, de filhas passavam a esposas, mas continuavam como coadjuvantes que embelezavam a cena. Essa realidade pode ser atestada através de um trecho do depoimento de Leda Rizzo Campos: “Gostávamos de ir ao Prado, todos os fins de semana nós íamos. **Depois que me casei acompanhava meu marido, conheci ele no Prado [...]**” (REVISTA BAIRRO MOINHOS, 2005, p. 20, grifo nosso).

No fim do século XIX são incorporadas ao panorama de Porto Alegre novas práticas esportivas, que geram outros cenários e produzem a recomposição de representações sociais para homens e mulheres. Muitas dessas práticas esportivas foram trazidas por imigrantes alemães e seus descendentes (referidos neste artigo como teuto-brasileiros), sendo que algumas destas foram construídas com identidade oposta à identidade luso-brasileira do turfe, como no caso da prática esportiva do remo. Nesse

sentido, da mesma forma como acontecia no Rio de Janeiro, conforme estudo de Melo (2006), o remo possuía uma identidade construída em oposição ao turfe, em Porto Alegre.

A primeira associação de remo fundada na capital sul-rio-grandense foi idealizada por um grupo de homens teuto-brasileiros, mas foi a partir de uma iniciativa feminina que houve a possibilidade de dar início a esta prática esportiva na capital. Considerada a associação esportiva de remo “mais antiga do Brasil” (HOFMEISTER, 1979, p. 11), o *Ruder Club Porto Alegre*, foi idealizado por Alberto Bins, jovem teuto-brasileiro que retornou da Alemanha trazendo a experiência de praticar o remo durante o período em que esteve fora do país. Para materializar a idéia era preciso uma grande quantia de dinheiro necessária para a importação dos botes, da qual o grupo de aspirantes a fundadores não possuía. Segundo entrevista concedida por Alberto Bins (Hofmeister, 1979), foi sua genitora, Elisa Bins, que concedeu, por empréstimo, a quantia necessária para começar o clube de remo. Assim, o papel feminino foi determinante na introdução do remo como prática esportiva em Porto Alegre, através da colaboração financeira para a fundação da primeira associação de remo do Brasil, em 21 de novembro de 1888. Percebe-se que mesmo nos bastidores, a participação feminina como patrocinadora foi imprescindível para a introdução de um esporte que se tornou, durante um longo período, do final do século XIX até o início da década de 1930, aquele mais praticado na capital (MAZO, 2003).

Elisa Bins, juntamente com Olga Englert, Ana e Clotilde Christoffel, Sinhá Batian, Elisa e Malvina Issler, confeccionaram e bordaram a mão a primeira bandeira do clube, “como convinha a arte de então” (HOFMEISTER, 1979, p. 16), enquanto aguardavam a chegada dos barcos vindos da Alemanha. Este cenário descreve o papel feminino da época, a saber, o de damas prendadas que atuavam no lar, fazendo



trabalhos artesanais. Mais tarde, quando chegaram os barcos, estes foram batizados com o nome das madrinhas Elisa Bins e Olga Englert, dando origem a uma tradição no clube: batizar todos os barcos com o nome de suas madrinhas. Estas, por sua vez, participavam da cerimônia de batismo dos barcos e, além disso, eram presença obrigatória nos bailes realizados nos clubes após as regatas. “Elas” mais uma vez atuaram nos bastidores embelezando e preparando o cenário para os homens. Porém, nota-se que o papel feminino modificou-se de um esporte para outro, tornando-se visível a construção das fronteiras que delimitavam a participação feminina nos esportes.

Goellner (2007) afirma que os discursos se acomodam no corpo e os generificam, e que os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam a pele, os gestos, os músculos, a sensibilidade e a movimentação. Estas marcas produzem efeitos e são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas. Os conceitos que revestiam o remo pareceram restringir-se à prática masculina e, no mesmo movimento, inviabilizar a prática feminina. No entanto, as mulheres eram presença marcante nas arquibancadas e nos barcos a vapor onde estavam os espectadores das regatas, no fim do século XIX e início do século XX.

Castello (1923) relatou a visita de Nara Nobre, uma festejada atriz da época, à garagem do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, em 1923, reutilizando o esporte para conquista de relacionamentos sociais e reforçando esse conceito junto aos sócios deste clube. Tanto as regatas, quanto as provas turfísticas, tornaram-se locais de grande expressão social, pois promoviam a circulação e o contato entre as pessoas, assim como ocorria nas associações esportivas, onde após as regatas eram organizados eventos,

como bailes e jantares comemorativos para socialização, normalmente produzidos pelas mulheres esposas dos sócios.

Percebe-se, então, uma expressiva desigualdade entre as representações dos papéis masculinos e femininos nos cenários do turfe e do remo, cada qual cumprindo distintas funções. Em ambas práticas, eles eram protagonistas, porém as mulheres no turfe eram vistas apenas embelezando as arquibancadas, já no remo além das arquibancadas, elas atuavam nos bastidores. Essas mudanças começaram a acontecer paulatinamente, tanto que o primeiro registro da participação feminina no remo, em Jogos Olímpicos, ocorreu apenas 1976. Também se torna evidente que o turfe é organizado como uma prática esportiva representante do chamado “sexo forte”, dos patriarcas moradores dos sobrados. Na mesma medida, se a prática do remo era um privilégio para homens selecionados, era desaconselhada às mulheres. Estas, por sua vez, ficando relegadas a uma opacidade que começa a ser alterada paulatinamente: as mulheres passam a conquistar um espaço com maior visibilidade nos esportes, revestem-se de papéis mais expressivos e aproximam-se dos protagonistas em diferentes práticas esportivas.

### **3 AS MULHERES SE EXERCITAM E PRATICAM ESPORTES EM CLUBES**

No início do século XX, os cenários esportivos porto-alegrenses poderiam ser considerados espetáculos. A infra-estrutura construída pelas associações ao redor das práticas esportivas e a organização de eventos que apresentavam como objetivo a competição entre esportistas, atraíam um grande número de pessoas para a sua prática e assistência. Dentro deste panorama, as mulheres foram recriando novos papéis, enfatizando a sua atuação desenhando um caráter diferenciado ao dos homens. Ganhando espaço na participação nos esportes da época, porém conservando sua

identidade caracterizada como “feminina”. No período entre os séculos XIX e XX, a esportivização do corpo feminino era uma atividade que assinalava extremo cuidado.

Através desta visão, que definia qual deveria ser as vivências masculinas e femininas, segundo Goellner, (2007, p. 184) nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes possibilidades de movimentação. Os homens eram vinculados a aventura, a potência, o desafio, a força; e às mulheres, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para “elas”, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados numa suposta “essência feminina” (GOELLNER, 2007, p. 185). Schpun (1999) afirma que para elas buscava-se a harmonia, a graça dos movimentos, e o fortalecimento dos membros inferiores em razão do parto. A preparação física de rapazes e moças servia para reforçar as características corporais e comportamentais que distinguiam os gêneros.

A prática corporal da ginástica alemã introduzida nas associações esportivas de Porto Alegre, desde meados do século XIX oferecia oportunidades de práticas diferenciadas para homens e mulheres. No princípio, a ginástica alemã era praticada nas sociedades de ginástica apenas pelos homens. As mulheres conquistam espaço significativo na prática da ginástica no início do século XX, mas havia a separação entre mulheres casadas e solteiras, pois os exercícios eram diferenciados (DIAS, MAZO e MADURO, 2009).

O primeiro instrutor de ginástica da sociedade foi E. Gottfriedsen auxiliado pelos assistentes E. Martens Junior e Weiss, para atender aos primeiros 25 sócios homens (AMARO Jr., 1944), pois a prática da ginástica era predominantemente masculina no *Turnerbund*. A partir de 1904, as mulheres adquiriram o direito de fazer o curso e obter a mesma distinção. As primeiras a receberem o título de mestre de

ginástica foram: Ella Kaufmann, Frieda Naschold, Emma Scheibenzuber, Hermine Grage. Neste mesmo ano foi criado o departamento feminino de ginástica para a prática das mulheres. O departamento contava com 37 mulheres classificadas como casadas e solteiras, sendo que as mulheres casadas iniciaram as sessões de ginástica em 1907 (DAUDT, 1942, p. 43). O departamento funcionava de forma autônoma e com diretoria própria, sendo sua primeira presidente a professora Elli Kaufmann da escola *Hilfsverein*, atual Colégio Farroupilha.

Em 1905, a direção do grupo foi entregue ao professor de ginástica da sociedade *Turnerbund*, que ministrava a “Educação Física das moças”, apesar das mulheres seguirem fazendo o curso: Ida Karls em 1905, Helene Wanner em 1907 e Elsa Heimberg em 1908. Na década de 1920, mais cinco mulheres formaram-se mestres de ginástica. Esse número foi ampliado na década de 1930, quando se formaram 19 mulheres mestres em ginástica (DAUDT, 1942, p. 14).

Essa participação das mulheres na prática corporal da ginástica era um traço de distinção cultural das associações alemãs às demais, onde a prática esportiva era permitida apenas aos homens. Pedro (1997), em seu estudo sobre as mulheres do sul constata que as mulheres de Blumenau (cidade de colonização alemã no Estado de Santa Catarina) eram representadas como “trabalhadeiras”, acompanhavam o marido no trabalho do campo, característica da identidade teuto-brasileira. Mostrando que da mesma forma que no trabalho, a cultura dos imigrantes alemães não impunha muitos obstáculos às práticas corporais por mulheres, costume preservado nessa comunidade.

A identidade feminina em Porto Alegre era a de mulher submissa, relegada à sombra do homem - pai ou marido -, provavelmente construída por influência do modelo importado da cultura portuguesa, primeira origem de colonizadores da cidade. Este perfil é muito similar aos parâmetros de traços culturais italianos, porém diferente

da realidade da mulher de origem germânica. O sucesso dos descendentes de alemães no mercado, apontado por De Rose (1996) se deveu em grande parte pela participação ativa da mulher nos negócios, auxiliando o marido e muitas vezes comandando a família na ausência deste. A mulher teuto-brasileira possuía uma lógica diferente da que apresentavam as mulheres de identidade luso-brasileira e ítalo-brasileira em Porto Alegre, sendo estas, simbolicamente, emudecidas por um sistema sociocultural que as oprimia. Desta forma, é possível considerar que a emancipação da participação feminina na sociedade porto-alegrense, também se deveu a introdução da cultura alemã de participação das mulheres nos esportes, retirando assim, a representação feminina para além da sombra da masculina, trazendo-as para a claridade e visibilidade através das luzes do espetáculo da ginástica alemã.

A prática do atletismo estava inclusa na prática corporal da ginástica alemã, e fazia parte das associações esportivas teuto-brasileiras. A *Turnerbund* (atual SOGIPA) foi uma das sociedades que primeiro desenvolveram o atletismo em Porto Alegre, juntamente com o *Grêmio Football Porto Alegrense* e a Associação Cristã de Moços (ACM), a partir de 1912 (DE ROSE, 1996, p. 137). O atletismo compreendia “provas de velocidade, resistência, estafeta, saltos e lançamentos” (OLIVEIRA, 1998, p. 161). Inicialmente, estas práticas não eram conhecidas sob a denominação de atletismo, mas sim como ginástica popular. Em 1924 pela primeira vez as mulheres participam de uma competição de atletismo, em comemoração ao Centenário da Imigração Alemã. As “moças” teuto-brasileiras pouco se afastavam do esporte que ainda era tolerado pelo costume das gerações passadas, porém os ambientes foram se modificando, e as mulheres eram cada vez mais vistas praticando o atletismo. Curiosamente, a primeira participação das mulheres em provas de atletismo nos Jogos Olímpicos foi em 1928, juntamente com a estréia da ginástica rítmica nestes jogos.

As primeiras competições de atletismo feminino foram organizadas em Porto Alegre pela Federação Atlética Rio Grandense em 1935, firmando-se de imediato as atletas do Rio Grande do Sul entre as mais destacadas no país. Loni Schweighoffer, Norma Dreher, Heiga Becker, Lonra Nabinger e outras, desde logo se tornavam recordistas nacionais (AMARO JR, 1943, p. 37). Em entrevista realizada por Mazo (2003), Ilse Doorman, recordista brasileira de salto em distância em 1940, afirma que frequentava a *Turnerbund* pois era uma continuidade da família, e se pai e irmão praticavam esportes na Sociedade. Conforme Amaro Jr. (1943), a Sociedade Navegantes São João, o *Sport Club Internacional*, a *Turnerbund* foram os clubes que enviaram representantes às primeiras provas de atletismo feminino. Era restrito o número de mulheres praticantes de esportes e as poucas que o faziam, era por prazer e incentivo da família. Ilse Doorman afirma que não sentia nenhum tipo de discriminação durante a prática do esporte que praticava. Porém ela encerrou sua carreira esportiva, quando casou; a partir de então continuou a frequentar o clube acompanhando o marido e filhos.

Outra esportista entrevistada por Mazo (2003), Liselot Barth era praticante de corrida de obstáculos por volta de 1940, também corrobora a informação de que não era comum muitas mulheres praticantes deste esporte na época, embora a *Turnerbund* contasse com um número razoável de mulheres. Segundo a percepção dela, nos outros clubes havia ainda menos mulheres praticando esportes. Ela também comenta que não eram exatamente técnicos que treinavam as mulheres na *Turnerbund*, havia mais uma cumplicidade entre as colegas, que se ajudavam. Esta atleta também abandonou a prática do atletismo após o casamento, porém suas filhas foram incentivadas à prática de esportes, especialmente a natação, no clube frequentado pela família. A ex-atleta dedicou-se as atividades sociais do clube, pois o marido fazia parte da diretoria.

Demonstrando que o principal papel feminino era o de mãe com dedicação exclusiva, deixando a prática esportiva limitada a um período específico da vida da mulher, sendo finalizada a partir do momento que esta adquire uma nova representação na sociedade, a de esposa e mãe.

Nas sociedades havia ainda as práticas de tiro ao alvo e bolão, que inicialmente, eram espaços de lazer e sociabilidades exclusivos para os homens descansarem e conversar após o trabalho. Porém, o início da prática do tiro no Rio Grande do Sul, aconteceu juntamente com a colonização do Estado. No período de 1848 a 1874, as colônias eram fundadas, entre outros objetivos, para balizar e preparar a abertura de estradas, constituindo um período de assentamento das famílias de imigrantes alemães. Foi pela iniciativa dos clubes de caça e pesca e sociedades de atiradores, fundadas pelos teuto-brasileiros que o Rio Grande do Sul tornou-se um dos primeiros Estados a praticar o Tiro ao Alvo (MAZO, 2003). No princípio, “a maioria das sociedades criadas eram de atiradores, seguidas de cavalaria, (...) certamente trazidos por ex-soldados prussianos; ambas visando o esporte essencialmente masculino” (FLORES, 2004, p. 120). Porém, segundo Kreling (1984) deduz-se que o tiro ao alvo fosse praticado antes do surgimento das sociedades e igualmente executado pela mulher, já que esta ficava em casa cuidando dos filhos enquanto o marido ia para o trabalho no campo. Elas “tiveram que aprender a se defender por conta própria, pois passavam muito tempo sozinhas em casa, com as crianças” (LIMA, 2001, p. 16). Segundo Assmann (2009) em função desse isolamento e a convivência apenas familiar, as mulheres de Rio Pardo (cidade do interior do Rio Grande do Sul, colonizada por alemães) idealizaram a Sociedade de Damas Concórdia de Rio Pardo, fundada em 15 de novembro de 1908, voltada para a prática do tiro ao alvo e estendendo-se até os dias de atuais com bolão de mesa e festas de grupo (bailes e quermesses). Provavelmente inspiradas nas sociedades masculinas, as mulheres

buscaram uma identidade própria organizando sua sociedade e valorizando os momentos de diversão e distração com outras mulheres.

Em Porto Alegre, a história da prática do Tiro ao Alvo inicia com a criação do Departamento de Tiro ao Alvo na *Turnerbund* em 1869 (TESCHE, 1996). As mulheres foram inseridas na prática do tiro em clubes tardiamente em relação a outros esportes, embora já praticassem o esporte há mais tempo em outros espaços; não era permitida a sua participação em campeonatos. Talvez isso explique porque a prática do tiro por mulheres nos Jogos Olímpicos aconteceu apenas em 1984 (CARVALHO, 2002).

Não há registros impressos sobre o início da atuação das mulheres no tiro, somente relatos orais e uma vasta história perdida, pois as atividades da maioria das sociedades de tiro cessaram com o advento da II Guerra Mundial, “onde foram forçados a desativar seus estandes de tiro, bem como eliminar todo o arquivo histórico e documentário das entidades” (MAGEDANZ, 2004).

Outro esporte bastante praticado nas sociedades germânicas era o bolão, que foi trazido pelos imigrantes alemães e, também era chamado de esporte da bola de madeira (MAZO, 2003). De acordo com dados pesquisados por Becker (1987), os primeiros grupos de bolão só surgiram depois da década de 1880. A primeira cancha de bolão era de Miguel Cobia de Santa Cruz do Sul construída em 1868. A cidade de Porto Alegre originou o segundo grupo de bolão mais antigo da América do Sul (TEIXEIRA, 2001), o Grupo de Bolão 14 de abril organizado em 1896, pelos associados da *Gesellschaft* (atual Associação Leopoldina Juvenil). Na mesma sociedade, em 1914 um grupo de mulheres teuto-brasileiras organizou o Grupo de Bolão Violeta Arco-íris, que perdurou por décadas. A prática do bolão cresceu na década de 1920 e até 1937 manteve muitos torneios entre os clubes. No entanto, na época, o torneio feminino era separado do masculino, acontecendo na mesma sede, porém em dias diferentes. Os torneios



femininos eram à tarde e o turno da noite era destinado aos homens, que geralmente permaneciam confraternizando no clube após a competição.

As primeiras associações esportivas alemãs fundadas em Porto Alegre tinham como uma de sua característica a participação das mulheres nas atividades esportivas; as mulheres teuto-brasileiras foram sendo instigadas a ocupar o cenário esportivo do Estado sul-rio-grandense. Portanto, a obscuridade do papel feminino em relação ao masculino, tornou-se mais fluída devido à cultura imigrada com as famílias alemãs e incorporada à cultura local. Como forma de manutenção da identidade e diferenciação de outros grupos étnicos, em associações esportivas fundadas pelos imigrantes alemães, ocorria a participação das mulheres nas práticas corporais, enquanto um meio de preservação dos padrões de comportamento do seu país de origem.

#### **4 MULHERES CIRCULAM ENTRE MÁQUINAS E GRAMADOS**

No início do século XX, abriam-se as portas para novos conhecimentos e tecnologias, incentivando a modernidade para novos rumos no futuro. A prática esportiva emerge como um dos “novos” costumes de ser moderno. O esporte adquiriu as características de um fenômeno de massas no início do século XX, influenciando de forma decisiva a sociedade.

No início do século XX, Rio Grande do Sul transformou-se em um pólo do automobilismo nacional. Na capital do Estado, Porto Alegre surgiram muitos pilotos do automobilismo de rua na segunda metade dos anos 1920. Em 1926 foi realizada a primeira prova oficial de automobilismo de rua na cidade, a Corrida do Quilômetro Lançado. O crescimento desta prática esportiva na cidade favoreceu a criação da Escuderia Galgo Branco em Porto Alegre, em 1936. Porto Alegre passou a se destacar no meio automobilístico, não apenas pelas vitórias dos *ases* do volante, os “galgos

brancos”, mas também porque foi a cidade brasileira que mais realizou provas de automobilismo (SCALI, 2005). Por ser um esporte com grande destaque na cidade, atraía muito espectadores, homens e mulheres.

Esta prática esportiva contava com a presença de mulheres, porém - como em esportes como o turfe e o remo - elas não tinham destaque como praticantes, mas estavam presentes em gincanas, *grids* (largadas de provas), premiações ou como misses nos eventos (TREVISAN, 2008). No Rio Grande do Sul, destaca-se a presença da piloto Nilza Campos Ruschel, de Venâncio Aires, que iniciou sua carreira em 1938, e teve boa presença nas competições automobilísticas de 1938 até 1941 (MADURO, MAZO e DIAS, 2009). É possível que Nilza Ruschel tenha sido influenciada por uma mulher de nome Hélle Nice, piloto francesa que esteve no Brasil em 1936 para participar de competições automobilísticas. Hélle Nice é apontada como a pioneira entre as mulheres no automobilismo mundial de elite, tendo disputado mais de 70 corridas. Hélle Nice era identificada como piloto, dançarina, visionária, transviada e corajosa.

Permitir às mulheres a prática automobilística seria como liberá-las para divisão de um domínio e comando social, que até então era totalmente masculino. Segundo Sant’Anna (1998) o automobilismo não tardaria a confirmar a antiga suspeita de que dominar um carro é dominar por completo o movimento, domínio este inimaginável para mulheres delicadas e criadas para serem esposas e mães. O ato de dirigir um automóvel simbolizava uma idéia de apropriação, que refletia o modelo da sociedade, apenas mais um campo do protagonismo masculino, pois quem dirigia os automóveis eram os homens, as mulheres “iam à carona”.

Assim como o automobilismo, o golfe também foi um esporte introduzido em Porto Alegre juntamente com o advento da modernidade. Em Porto Alegre, este esporte começou a ser praticado em clubes somente na década de 1930, quando Joseph

Millender, um cidadão norte-americano, Gerente Geral da Cia. Energia Elétrica Rio Grandense, foi quem mais incentivou a criação do *Country Club*. Neste período, já havia um número expressivo de associações esportivas, mas nenhuma delas oferecia esta prática. A fundação do *Porto Alegre Country Club* (PACC) ocorreu pela iniciativa de um pequeno grupo de homens interessados em construir um espaço exclusivo para a prática do golfe, como também para a sociabilidade e lazer (FERNÁNDEZ, 2009).

Apesar de este clube ter sido idealizado por homens que gostariam de realizar suas práticas, as mulheres se fizeram presente desde o início. Vale a ressalva que as mulheres iniciaram a sua participação no golfe nos Jogos Olímpicos de 1900. Esta conquista talvez tenha favorecido o ingresso das mulheres nos gramados para a prática do golfe.

Através da promoção de torneios, bailes de gala, entre outras festas elegantes, o clube se tornou um importante local de socialização e distinção social. Era um local de encontro de amigos e famílias, principalmente, nos domingos de sol, onde a céu aberto senhoras, senhoritas e cavalheiros discutem e se divertem, jogam golfe, falam dos caprichos do câmbio e da moda, do último *film* da Marlene Dietrich ou do John Barrymore, de negócios e de figurinos (MAZO, 2004). O golfe era visto como um esporte aristocrático que tem conquistado não apenas o elemento masculino de maior representação entre as classes conservadoras do nosso meio, como também, numerosas senhoras da nossa melhor sociedade (MAZO, 2004). A reportagem demonstra que ocorria a participação feminina no esporte e reafirma o espaço social da elite da capital sul-rio-grandense no qual o golfe estava inserido.

Outra referência da participação feminina na prática do esporte e que ressalta a distância determinada entre o momento de atuação feminina da masculina, foi a adoção do *Doctor Day*. De acordo com Fernández (2009, p. 36), esta prática “consistia em um

dia sagrado para a prática de golfe por médicos nos EUA, na década de 1950”. A justificativa para a criação do *Doctor Day* foi melhorar organização da utilização do campo. Então neste dia, no Brasil os homens, não apenas médicos, mas empresários e profissionais liberais jogavam as quartas enquanto que as mulheres às quintas-feiras.

O Golfe era um esporte que não exigia vigor físico para sua prática, encaixando adequadamente entre os esportes recomendados para as mulheres na época. Em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos (CND), subsídios para elaboração de um documento que designava algumas práticas esportivas vetadas para as mulheres: lutas, boxe, salto com vara, salto triplo, decatlo e pentatlo. Foi promulgado como Decreto-Lei nº 3.199, de 14/4/1941, cujo artigo 54 expressava que “[...] às mulheres não se permitirá à prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (MANHÃES, 2002, p. 833). Outras práticas esportivas eram permitidas, desde que praticadas dentro de limites, como era visto o golfe.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres construíram uma trajetória de embates e superações no cenário esportivo porto-alegrense, e assim, paulatinamente, foram conquistando espaços no associativismo esportivo da época. A ocupação do espaço, ora na condição de espectadora, ora de protagonista, na transição do século XIX para o século XX, acompanhou uma nova organização social dos papéis masculinos e femininos. Como espectadoras, no turfe, estas retratavam o poder patriarcal do momento, pois este esporte estava ligado a uma identidade luso-brasileira, que tinha como característica o poder patriarcal e a submissão feminina a seus pais e maridos. Os hipódromos eram utilizados para socialização, consolidando-se como espaço que proporcionou o início da inserção da mulher na vida social, a partir de meados do século XIX. O papel feminino resumia-

se ao mero acompanhamento de seus pais ou maridos, além de atentar à moda e à elegância, embelezando os prados. Para além, tal situação constituía uma oportunidade de apresentar as mulheres à “nata da sociedade”, oportunizando casamentos por conveniência, os quais, muitas vezes, só interessavam pelo novo e promissor rumo que conferiam aos negócios. Elas, consideradas frágeis para tornar-se praticante de esportes, eram relegadas ao papel destinado à assistência.

Condição semelhante elas assumiam no cenário esportivo do Remo. As mulheres eram frequentadoras assíduas das regatas, assim como responsáveis pela confecção das bandeiras e, após as referidas provas, assumiam a organização dos jantares e confraternizações. Sua maior contribuição para o esporte foi o indispensável empréstimo para a importação dos primeiros barcos da associação, os quais receberam o nome de suas madrinhas – fato que, posteriormente, tornou-se tradição no clube.

A participação das mulheres nas práticas corporais era um meio de preservação da cultura de comunidades étnicas. Os imigrantes alemães introduziram a ginástica alemã em Porto Alegre, onde inicialmente apenas homens podiam proferir aulas, posteriormente, elas adquiriram o direito de fazer o curso e obter a distinção de “mestres de ginástica” e, assim também, ministrar aulas. A participação das mulheres nas atividades físicas e sociais era um traço distintivo da Sociedade de Ginástica onde, mais tarde, estas também se destacaram na prática do atletismo. A oferta de atividades físicas para as mulheres alemãs visava a sua preparação para o trabalho, assim como ao homem.

Assim, as mulheres teuto-brasileiras iniciaram o protagonismo feminino nos esportes na capital Sul-Rio-Grandense. Como estas possuíam a cultura de trabalhar juntamente com seus maridos, provavelmente essa posição se refletiu nas práticas

esportivas desenvolvidas por esse grupo étnico, trazendo reformas culturais ao espaço social da cidade.

Portanto, seja assistindo as provas de turfe; emprestando seu nome para batizar os barcos de remo; participando das sessões de ginástica alemã e atletismo; acertando o alvo no bolão, no tiro e no golfe; acelerando no automobilismo; enfim, as mulheres estavam presentes no cenário esportivo a partir do século XIX, onde inicialmente o protagonismo era masculino. Em todas as atuações, as mulheres ofereceram uma importante contribuição para o desenvolvimento esportivo na cidade, propiciando a constituição de novas formas, novas curvas e novos traçados que passaram a delinear o referido cenário esportivo.

## REFERÊNCIAS

AMARO Jr., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1944.

AMARO JÚNIOR, José (Org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1943.

ASSMANN, A.; MAZO, J. **A prática do tiro ao alvo em associações esportivas no estado do Rio Grande do Sul: um tiro certo na história do esporte gaúcho**. São Leopoldo: Mostra Unisinos de Iniciação Científica. 2009.

BECKER, K. O Esporte do Bolão no Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL, 6., 1980, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo/Instituto Histórico de São Leopoldo, 1987, p. 249-264.

CARVALHO, Alexandre Medeiros Jorge de. A participação feminina nos Jogos Olímpicos [recurso eletrônico]. In: **Biblioteca básica em estudos olímpicos** [recurso eletrônico], 2002.

CASTELLO, J. **Álbum comemorativo ao 20º aniversário do Gremio de Regatas Almirante Tamandaré 1903-1923**. Porto Alegre: Edição Revista Vida Gaúcha, 1923.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DAUDT, J. **Álbum-Revista Comemorativa ao 75º aniversário da Sociedade Ginástica de Porto Alegre, 1867**. Porto Alegre: SOGIPA, 1942.

DE ROSE, R. **A Influência da imigração italiana do desenvolvimento do esporte no estado do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1996.

DIAS, C.; MAZO, J. Z. e MADURO, P. A. A presença das mulheres na prática da ginástica alemã nas associações esportivas de Porto Alegre/RS no princípio do século XX. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMPOSIÇÕES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE, 2009, Rio Grande. *Anais...* Rio Grande/FURG, 2009. 1 CD-ROM.

FERNÁNDEZ, E. **Porto Alegre Country Club (1930-1960): uma tacada da elite na prática do golfe em Porto Alegre**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Escola de Educação Física, UFRGS. Porto Alegre, 2009.

FLORES, H. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

HOFMEISTER, C. **Pequena História do Remo Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

GOELLNER, S. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 174 -196, mai/ago 2007.

JÁ EDITORES. **História Ilustrada de Porto Alegre**. Porto Alegre: CEEE, 1997.

KRELING, H. **O Bolão: o esporte nas Colônias Alemãs do RS**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo para uma compreensão do lazer e das viagens**. 2. ed. Aleph, São Paulo, 2003.

LUCENA, R. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MADURO, P. A.; MAZO, J. Z. e DIAS, C. Memórias sobre a participação das mulheres no automobilismo de rua no Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMPOSIÇÕES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE, de 06 a 08 de maio de 2009, Rio Grande. *Anais...* Rio Grande/FURG, 2009. 1 CD-ROM.

MAGEDANZ, A. **Linha Clara, Teutônia e os 180 anos da imigração alemã no RS**. Teutônia: o autor, 2004. 63p.

MANHÃES, E. **Política de Esportes no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARQUESE, R. **Ideologia Imperial, poder patriarcal e o governo dos escravos nas Américas, c. 1660-1720**. Afro-Ásia, 2004.

MAZO, J. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto)- Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, J. **O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo (1929-1967)**. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004 (CD-ROM).

MAZO, J.; PEREIRA, E. L. e MADURO, P. A.. Do alto da arquibancada: um olhar sobre a presença feminina no turfe de Porto Alegre (1875/1910). In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMPOSIÇÕES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE, 2009, Rio Grande. *Anais...* Rio Grande/FURG, 2009. 1 CD-ROM.

MELO, V. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 3, Jul./Out. 2006.

MELO, V. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n.54, p.127-152 – 2007.

OLIVEIRA, Paulo. Esportes trazidos pela imigração. In: Fischer, L.; Gertz, R. **Nós, os teuto-gaúchos**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

PEDRO, J. Mulheres do Sul. In: PRIORI, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 278-321.

PEREIRA, E. **A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910):** alguns tropeços em meio a um vitorioso galope. Porto Alegre, 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, UFRGS, 2008.

REVISTA BAIRO MOINHOS. Porto Alegre. v.2, n.5, 2005.

RODRIGUES, M. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Belo Horizonte. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2006.

ROZANO, M.; FONSECA, R. (Org.). **História de Porto Alegre: Jockey Club**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

SANT'ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCALI, P. **Circuitos de Rua – 1908 a 1958**. Porto Alegre: Imagens da Terra Editora, 2005.

SCHPUN, M. **Beleza em jogo:** cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boi Tempo Editora, 1999.

SOUZA, E; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

TASCA, S. **Silvana Tasca** (depoimento, 2008). Porto Alegre.

TEIXEIRA, Iza. (Coord.). **Associação Leopoldina Juvenil**. Resgate de uma história. Porto Alegre: Scan, 2001.



TESCHE, L. **A Prática do Turnen entre Imigrantes Alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867- 1942.** Ijuí/RS: UNIJUÍ, 1996.

TREVISAN, P. A. **Paulo Afonso Trevisan** (depoimento, 2008). Passo Fundo: Museu Brasileiro de Automobilismo de Passo Fundo, 2008.

**Endereço da Autora:**

Carolina Fernandes da Silva  
Rua Lucas de Oliveira 1659, apto 202  
Bairro: Petrópolis  
CEP: 90460001 - Porto Alegre - RS